

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Programa de Pós-Graduação em Educação em Direitos Humanos

George Daniel Rodrigues Fonseca

**MÍDIAS SOCIAIS E DIREITOS HUMANOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
CATÁSTROFE HUMANITÁRIA EM GAZA (2023 - 2024)**

Diamantina

2024

George Daniel Rodrigues Fonseca

**MÍDIAS SOCIAIS E DIREITOS HUMANOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
CATÁSTROFE HUMANITÁRIA EM GAZA (2023 - 2024)**

Monografia apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação em Direitos Humanos da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Chaves Pessanha

Diamantina

2024

Catálogo na fonte - Sisbi/UFVJM

G3lm Rodrigues Fonseca, George Daniel
2024 MÍDIAS SOCIAIS E DIREITOS HUMANOS: [manuscrito] : UMA
ANÁLISE A PARTIR DA CATÁSTROFE HUMANITÁRIA EM GAZA (2023 -
2024) / George Daniel Rodrigues Fonseca. -- Diamantina, 2024.
39 p. : il.

Orientadora: Prof.ª Pedro Henrique Chaves Pessanha.

Monografia (Especialização em Educação em Direitos Humanos)
-- Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri,
Curso de Especialização em Educação em Direitos Humanos,
Diamantina, 2024.

1. Direitos Humanos. 2. Educação. 3. Midiativismo. 4. Gaza.
5. Israel. I. Chaves Pessanha, Pedro Henrique. II.
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. III.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFVJM com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Este produto é resultado do trabalho conjunto entre o bibliotecário Rodrigo Martins Cruz/CRB6-
2886
e a equipe do setor Portal/Diretoria de Comunicação Social da UFVJM

George Daniel Rodrigues Fonseca

**Mídias Sociais e Direitos Humanos:
Uma análise a partir do conflito em Gaza de 2023**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos exigidos para a obtenção título de Especialista em Educação em Direitos Humanos, na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Orientador(a): Prof. Dr. Pedro Henrique Chaves Pessanha

Data de aprovação 29/11/2024

Prof. Dr. Pedro Henrique Chaves Pessanha
Diretoria de Educação Aberta e a Distância – UFVJM – Orientador

Prof. Dr. Igor Thiago Moreira Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Prof. Me. Luiz Gustavo Soares Silva
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

Diamantina

“A noite na cidade é escura, exceto pelo brilho dos mísseis; silenciosa, exceto pelo som do bombardeio; aterradora, exceto pela promessa tranquilizante da oração; obscura, exceto pela luz dos mártires. Boa Noite” (Heba Abu Nada).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o impacto das mídias sociais na educação e mobilização em direitos humanos, especialmente durante o conflito em Gaza de 2023. Através de uma abordagem qualitativa, foram selecionados perfis de ativistas que presenciaram ou presenciaram o conflito em seu dia-a-dia no território, como Motaz Azaiza, Muna El-Kurd e Bayan Abusultan. Esses ativistas têm utilizado as redes sociais para documentar a realidade do conflito em tempo real. A pesquisa utiliza a análise de conteúdo para categorizar postagens em temas significativos, como testemunhos pessoais, imagens da devastação e apelos por solidariedade. Por meio dessa análise, busca-se compreender como essas narrativas não apenas refletem as experiências vividas pelos palestinos, mas também como promovem a conscientização e mobilização global em torno dos direitos humanos, explorando como a interação com o público pode amplificar essas vozes e contribuir para uma maior visibilidade das questões enfrentadas pela população de Gaza. Assim, esta pesquisa pretende destacar a importância das mídias sociais como ferramentas educativas e mobilizadoras, especialmente em conflitos.

Palavras chave: Direitos Humanos. Educação. Midiativismo. Gaza. Israel.

ABSTRACT

This study aims to analyze the impact of social media on education and mobilization around human rights, particularly during the 2023 conflict in Gaza. Using a qualitative approach, profiles of activists who witness or have witnessed the conflict in their daily lives were selected in the territory, including Motaz Azaiza, Muna El-Kurd, and Bayan Abusultan. These activists have utilized social media to document the reality of the conflict in real-time. The research employs content analysis to categorize posts into significant themes, such as personal testimonies, images of devastation, and calls for solidarity. Through this analysis, the study seeks to understand how these narratives not only reflect the experiences of Palestinians but also promote global awareness and mobilization around human rights, exploring how public interaction can amplify these voices and contribute to greater visibility of the issues faced by the population of Gaza. Thus, this research aims to highlight the importance of social media as educational and mobilizing tools, especially in conflict situations.

Keywords: Human Rights. Education. Media Activism. Gaza. Israel.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Print do perfil de Motaz Azaiza no Instagram	28
Figura 2 – Jovem presa sob os escombros de sua casa	29
Figura 3 – Recorte do perfil de Motaz Azaiza	29
Figura 4 – Print do perfil da ativista palestina Muna El Kurd	32
Figura 5 - Recorte do perfil da ativista palestina Muna El Kurd	33
Figura 6 - Recorte do perfil da ativista palestina Muna El Kurd	34
Figura 7 - Recorte do perfil da ativista palestina Muna El Kurd	35
Figura 8 - Perfil da ativista palestina Bayan Abusultan	36
Figura 9 - Recorte do perfil da ativista palestina Bayan Abusultan	37
Figura 10 - Recorte 2 do perfil da ativista palestina Bayan Abusultan	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ONU	Organização das Nações Unidas
Hamas	Movimento de Resistência Islâmica
OLP	Organização para a Libertação da Palestina
UNRWA	Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 Educação em Direitos Humanos e Mídias Sociais.....	17
2.2 Breve contextualização do conflito israelo-palestino.....	19
3 METODOLOGIA.....	24
3.1 Identificação e descrição dos perfis escolhidos para análise.....	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
4.1 Motaz Azaiza.....	27
4.2 Muna El-Kurd.....	31
4.3 Bayan Abusultan.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Em 07 de outubro de 2023, o grupo islâmico palestino Hamas (*Harakat Al Muqawama al islamia*) ou “Movimento de Resistência Islâmica”, realizou um ataque coordenado entre a fronteira da Faixa de Gaza¹ e Israel, resultando em aproximadamente 1.200 mortes do lado israelense e no sequestro de mais de 250 pessoas. Segundo o periódico brasileiro Folha de São Paulo (2023), o Hamas mobilizou cerca de 1.500 integrantes do grupo para romper as fronteiras entre o enclave palestino e o território israelense, desencadeando uma nova escalada de violência na já prolongada disputa entre os dois povos.

Embora significativo, este episódio marca apenas uma fração do conflito entre palestinos e israelenses, que vivem há pelo menos 75 anos uma disputa pelo território defendido tanto pelos árabes-palestinos quanto pelos judeus sionistas como seu lar. O Hamas, uma organização com atuação tanto política quanto militar, foi fundado em 1987 por membros da Irmandade Muçulmana com o objetivo de estabelecer um Estado palestino muçulmano independente, utilizando a luta armada em todo o território da Palestina Histórica como meio de alcançar esse fim. Segundo Milton-Edwards e Farrell (2010), o movimento foi concebido não apenas como um grupo de resistência militar, mas também como uma força política e social, com o objetivo declarado de estabelecer um Estado palestino muçulmano em toda a Palestina histórica. Esse objetivo é refletido em sua Carta de 1988, que articula uma visão religiosa da luta contra Israel, interpretando a causa palestina como parte de uma *jihad* contra a ocupação.

A organização surgiu no contexto da Primeira Intifada, um levante popular que se iniciou no campo de refugiados de *Jabaliyah*, no extremo norte da Faixa de Gaza, e que consistiu, segundo Santos (2012), em manifestações massivas por parte das mais variadas classes da população palestina contra a ocupação israelense. De acordo com Santos (2012), a resposta israelense a essas manifestações, que eram majoritariamente conduzidas com pedras e outros meios improvisados, resultou na morte de mais de mil palestinos e em dezenas de milhares de feridos. O contexto socioeconômico da Faixa de Gaza na época da fundação do Hamas também desempenhou um papel crucial no crescimento do movimento. Como destaca Roy (2011), a região enfrentava dificuldades econômicas, exacerbadas pela ocupação israelense e pela falta de infraestrutura básica. O Hamas capitalizou essa situação,

¹ Território palestino composto por cerca de 2,4 milhões de pessoas em uma estreita faixa de terra localizada na costa oriental do Mar Mediterrâneo, no Oriente Médio, que faz fronteira com o Egito e com Israel.

estabelecendo uma extensa rede de serviços sociais, incluindo escolas, clínicas e programas de assistência aos necessitados, o que lhe garantiu apoio popular significativo, especialmente entre as classes mais desfavorecidas. Essa base de apoio foi um fator decisivo na capacidade do Hamas de se consolidar como uma força política dominante em Gaza, culminando com sua vitória nas eleições parlamentares palestinas de 2006.

Vale salientar que o grupo é considerado terrorista em grande parte do Ocidente. Foi classificado como terrorista pela União Europeia depois de agosto de 2003, quando atacou Jerusalém matando centenas de civis israelenses. Outros países que endossam esta lista são Argentina, Austrália, Canadá, Israel, Japão, Paraguai, Reino Unido, Estados Unidos e Nova Zelândia. Já o Brasil e países como China, Rússia, México e Colômbia seguem as avaliações do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) na designação dos grupos considerados terroristas, na intenção de se ter uma posição mais neutra, como uma forma de manter os países como mediadores de conflitos.

A trajetória militar do Hamas é então central para entender seu impacto na dinâmica regional do Oriente Médio. Desde a sua fundação, o grupo se envolveu em uma série de conflitos armados com Israel, utilizando táticas de guerrilha e ataques suicidas durante a década de 1990 e os anos 2000, conforme analisado por Berti (2013). A partir de 2007, após a tomada do controle da Faixa de Gaza, o grupo passou a governar o enclave sob um bloqueio rigoroso imposto por Israel. Esse bloqueio e a série de confrontos subsequentes, especialmente as guerras de 2008-2009², 2012³ e 2014⁴, exacerbaram as condições humanitárias na região, ao mesmo tempo, em que reforçaram a posição do Hamas como o principal defensor armado dos palestinos em Gaza, em contraste com a Autoridade Palestina na Cisjordânia.

Cabe destacar, no entanto, que o conflito remonta a pelo menos 1947, com a aprovação da resolução 181 pela Organização das Nações Unidas (ONU), que propôs a partilha da Palestina e resultou na criação do Estado de Israel. Esse processo desencadeou uma série de conflitos entre os dois povos, que tentou ser solucionada pela ONU através da

² Após um cessar-fogo de seis meses entre o Hamas e Israel negociado pelo Egito, o Hamas voltou a lançar mísseis contra Israel, que respondeu em 27 de dezembro de 2008 com a ofensiva militar “Chumbo Fundido”, a qual durou até 18 de janeiro de 2009. A operação israelense resultou em 1.417 mortes, dos quais 926 civis, conforme o Centro Palestino de Direitos Humanos (PCHR).

³ Em novembro de 2012 iniciou-se mais um conflito entre Hamas e Israel, desta vez com duração de oito dias. O conflito é considerado a Segunda Guerra de Gaza.

⁴ Chamada de a Terceira Guerra de Gaza, um novo conflito militar com ataques aéreos entre Israel e Hamas eclodiu na região em 8 de julho de 2014, que resultou em uma ofensiva terrestre de Israel sobre Gaza, terminando com um cessar-fogo temporário.

Resolução 194, que, entre outras coisas, garantia aos palestinos refugiados o direito de retornar às suas terras se assim desejassem. Esse direito foi negado aos palestinos pelos israelenses, que impuseram restrições à circulação dos palestinos em seu território por meio de leis marciais herdadas do mandato britânico.

O autor e intelectual de origem palestina, Edward Said, especialista na análise das relações entre o Oriente e o Ocidente, oferece um arcabouço teórico crucial para compreender o conflito israelo-palestino e suas representações midiáticas. Em sua obra “Orientalismo” (2007), o autor argumenta que o Ocidente desenvolveu uma visão distorcida e estereotipada sobre o Oriente, utilizando essas representações para justificar o domínio e a intervenção na região. No contexto do conflito de Gaza em 2023, essa construção orientalista é perceptível nas narrativas que circulam nas mídias sociais, onde a representação dos palestinos e israelenses frequentemente reflete preconceitos profundamente enraizados e relações de poder assimétricas. A análise das mídias sociais, portanto, deve levar em conta como essas narrativas se alinham ou desafiam o discurso orientalista tradicional, contribuindo para a perpetuação ou contestação de estereótipos sobre os povos envolvidos no conflito.

Além disso, Said, em sua obra “A Questão da Palestina” (2012), destaca como a narrativa histórica e cultural em torno do conflito foi moldada predominantemente por vozes ocidentais, frequentemente marginalizando ou silenciando as perspectivas palestinas. Este fenômeno é amplificado nas plataformas de mídias sociais, onde as vozes mais influentes e os algoritmos das plataformas podem reforçar narrativas dominantes enquanto suprimem outras. Ao analisar as postagens e campanhas no Instagram durante o conflito em Gaza de 2023, é essencial examinar como essas dinâmicas de poder digital influenciam a visibilidade das narrativas palestinas e israelenses, e como essas plataformas podem tanto desafiar quanto perpetuar a marginalização histórica descrita por Said. Assim, a obra de Edward Said proporciona um enquadramento teórico indispensável para entender as complexas interações entre mídia, poder e representação no contexto contemporâneo do conflito israelo-palestino.

No contexto do conflito de 2023, observa-se uma intensa disputa de narrativas, na qual as mídias sociais desempenham um papel crucial. Conforme destaca Sahd (2024), tanto a ação Hamas quanto a resposta subsequente de Israel forneceram os elementos necessários para que a batalha narrativa alcançasse sua máxima intensidade. As redes sociais, com sua capacidade de disseminação rápida e abrangente, tornaram-se arenas centrais nessa guerra de narrativas, influenciando percepções e mobilizando opiniões ao redor do mundo.

Segundo Sahd (2024) o conflito em Gaza de 2023, pode ser caracterizado como um genocídio dentro de um regime de apartheid, que representa uma escalada significativa na

violência perpetrada contra o povo palestino. De acordo com o autor, o enquadramento do conflito como genocídio está bem fundamentado em relatórios e documentos de organizações internacionais, que destacam a natureza sistêmica das violações de direitos humanos na região. Este contexto torna essencial a análise das mídias sociais, que emergem como plataformas críticas para a denúncia e a mobilização em torno dos direitos humanos em meio a essa crise.

Nessa perspectiva, este trabalho visa analisar o papel das mídias sociais na construção e disseminação de narrativas durante o conflito de Gaza em 2023, com ênfase em suas implicações para os direitos humanos. A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender o papel cada vez mais central das mídias sociais na construção da opinião pública. A análise da influência dessas plataformas na formação da opinião pública permite compreender como as tensões sociais são exacerbadas e como os direitos humanos são violados nesse contexto.

Para atingir os objetivos propostos, a metodologia adotada incluirá a análise de conteúdo do Instagram a partir de 07 de outubro, começo dos novos desdobramentos até meados de 2024. O Instagram, com sua ênfase visual e ampla capacidade de engajamento, tornou-se uma das plataformas centrais na disseminação de narrativas sobre o conflito. Por meio da análise das postagens, stories e vídeos compartilhados, este estudo buscará compreender como as representações visuais e textuais no Instagram contribuíram para a construção de diferentes narrativas e como essas narrativas influenciaram as percepções globais e as mobilizações em torno dos direitos humanos. Além disso, serão revisadas literaturas pertinentes sobre o uso de mídias sociais em conflitos, a fim de contextualizar o fenômeno no âmbito dos direitos humanos.

A justificativa do estudo do tema proposto neste trabalho parte de sua relevância tanto em termos acadêmicos quanto sociais, na história do tempo presente (HTP). Segundo Delacroix (2018) a institucionalização da HTP como um campo de estudo historiográfico surgiu no final dos anos 1970, como uma resposta às “reivindicações memoriais” e às dificuldades das comunidades nacionais em lidar com “passados traumáticos”. Conforme o autor, a presença de testemunhas vivas é apontada como um elemento distintivo da HTP, permitindo o uso de “arquivos orais” provocados pelos pesquisadores. Delacroix (2018) alerta, no entanto, que por a HTP responder demandas sociais e de memória, ela acaba sendo muitas vezes instrumentalizada em políticas de identidade nacional.

O conflito ocorrido em Gaza em 2023 destacou-se como um dos eventos geopolíticos intensamente discutidos e repercutidos, especialmente no que tange às questões de direitos humanos. Parte desse alcance se deveu ao uso do Instagram e sua capacidade única de mobilizar audiências globais através de imagens poderosas e narrativas emocionais. De 07 de outubro de 2023 até a presente data, o Instagram tornou-se um espaço crucial para debates intensos, onde diferentes narrativas sobre o conflito foram visualmente intensificadas, gerando diversas reações e moldando a opinião pública sobre as ações de ambos os lados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação em Direitos Humanos e Mídias Sociais

As mídias sociais, com seu alcance global e capacidade de conectar pessoas de diferentes culturas, têm revolucionado a forma como nos comunicamos e interagimos. No entanto, esse mesmo ambiente digital que nos aproxima também pode ser palco de violações de direitos humanos, como o discurso de ódio, a disseminação de fake news e a incitação à violência. Nesse contexto, a educação em direitos humanos torna-se fundamental para que os indivíduos possam utilizar as ferramentas digitais de forma crítica e responsável, promovendo uma cultura de respeito e tolerância.

Segundo Gorczewski e Tauchen (2008), a educação em direitos humanos desempenha um papel crucial na construção de uma cultura de paz, ao informar, formar e transformar as atitudes das pessoas em relação à dignidade humana e à justiça social. Os autores defendem uma concepção de cidadania que vai além das fronteiras nacionais, enfatizando a responsabilidade global na promoção e proteção dos direitos humanos.

Direitos Humanos é uma forma abreviada e genérica de se referir a um conjunto de exigências e enunciados jurídicos que são superiores aos demais direitos. Superiores porque anteriores ao Estado, porque não são meras concessões da sociedade política, mas nascem com o homem, fazem parte da própria natureza humana e da dignidade que lhe é inerente, e são fundamentais, porque sem eles o homem não é capaz de existir, de se desenvolver e participar plenamente da vida, e são universais, porque exigíveis de qualquer autoridade política, em qualquer lugar (Gorczewski; Tauchen, 2008, p. 66-67).

Nesse sentido, a educação em direitos humanos se constitui como um campo fundamental para a promoção da dignidade humana e a construção de sociedades justas e equitativas. No que diz respeito à educação em direitos humanos através das mídias sociais, o uso dessas plataformas se mostra eficaz, especialmente em contextos de conflito. Yasmin Ibrahim (2019), defende que as mídias digitais facilitam a educação em direitos humanos ao permitir que indivíduos compartilhem suas experiências e aprendam uns com os outros. Segundo a autora, essa troca de informações é crucial para a conscientização sobre direitos humanos.

De acordo com Ibrahim (2019) as mídias sociais oferecem um espaço para a disseminação de informações sobre direitos humanos, permitindo que usuários se eduquem sobre questões sociais de forma dinâmica e interativa. Essa educação é vital para formar cidadãos mais informados e engajados. Para a autora, a natureza contínua e em tempo real dessas mídias mantém o público atualizado sobre eventos e campanhas, potencializando a mobilização em torno de causas relevantes. No entanto, Ibrahim também ressalta a importância de uma alfabetização midiática crítica, uma vez que a desinformação e a polarização podem limitar a eficácia desse aprendizado, tornando essencial que os usuários desenvolvam habilidades para consumir informações de maneira consciente e crítica.

Nesse sentido, as mídias sociais emergem como ferramentas poderosas para a disseminação de informações e a mobilização social. Manuel Castells (2012), em sua obra “Redes de Indignação e Esperança”, destaca que as mídias sociais são um novo espaço público onde os cidadãos podem se organizar, mobilizar e expressar suas demandas, o que é especialmente relevante em contextos de conflito. Castells (2012) explora como as redes sociais digitais se tornaram um espaço de autonomia, permitindo que movimentos sociais se organizem, desafiem o poder estabelecido e articulem novas formas de resistência. A capacidade dessas redes de superar a censura tradicional e conectar indivíduos globalmente faz delas uma ferramenta poderosa na luta por direitos humanos, como visto nos movimentos que eclodiram no mundo árabe e em outros contextos de opressão.

Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional. Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes

sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida (Castells, 2012, p. 11-12).

Ademais, Santos e Santos (2014) exploram a influência das redes sociais digitais na educação contemporânea, destacando como essas plataformas ampliam a participação política e o acesso à informação. As redes sociais, além de promoverem interações síncronas e assíncronas, oferecem novas formas de adquirir e compartilhar conhecimento. Esse contexto cria uma oportunidade para integrar os princípios da Educação em Direitos Humanos com as práticas de engajamento digital, promovendo a crítica reflexiva e a conscientização sobre as violações de direitos humanos. Santos e Santos (2014) refletem sobre como as redes sociais não apenas modificam a forma de comunicação, mas também atuam como novas ferramentas de produção e disseminação de conhecimento.

Além disso, as redes sociais digitais alteram a forma como o conhecimento é acessado e distribuído, rompendo as barreiras tradicionais da educação formal. Segundo Santos e Santos (2014), esses espaços virtuais possibilitam a construção de uma “inteligência coletiva”, na qual os indivíduos não são apenas receptores passivos de informação, mas atores ativos na produção do saber. No contexto da educação em direitos humanos, essa participação ativa é fundamental, pois as plataformas digitais permitem que os usuários se engajem em discussões aprofundadas sobre violações de direitos, compartilhem suas próprias histórias e experiências, e promovam a conscientização sobre questões humanitárias em escala global, ampliando o alcance das ações em defesa desses direitos.

No caso do conflito em Gaza, as redes sociais foram utilizadas para transmitir ao mundo as realidades do conflito, mobilizar apoio internacional e organizar protestos em defesa dos direitos humanos palestinos e sobre a questão palestina. Assim como descrito por Castells (2012), essas plataformas digitais não apenas facilitam a comunicação entre os ativistas, mas também criam novos espaços públicos de deliberação e contestação, combinando o ciberespaço e o espaço físico, potencializando a organização e a mobilização social em escala global.

2.2 Breve contextualização do conflito israelo-palestino

O conflito israelo-palestino se apresenta como uma questão complexa e marcada por raízes históricas, políticas e culturais. Edward Said (2012) argumenta que a expressão “a

questão da Palestina” carrega consigo uma complexidade. De acordo com o autor, essa questão é frequentemente isolada e vista como um problema único, mas também é associada a problemas persistentes e de difícil solução. A expressão “a questão da Palestina” ao mesmo tempo, também sugere um status incerto e instável, colocando a região em um lugar à parte em relação ao Ocidente.

Said (2012) argumenta que antes da criação de Israel, a região da Palestina era habitada por uma população predominantemente árabe, com uma minoria judaica. No século XIX, o movimento sionista começou a buscar estabelecer um lar nacional para os judeus na Palestina, o que gerou tensões entre as comunidades árabe e judaica.

Após a Segunda Guerra Mundial, especificamente em 1947, a Organização das Nações Unidas propôs um plano de partição que dividiria a Palestina em dois estados, sendo um para os judeus e outro árabe. Proposta rejeitada pela maioria da população árabe que vivia no território na ocasião. Em 1948, Israel declarou “independência”, levando à primeira guerra árabe-israelense. Durante o conflito, segundo Said (2012) cerca de 700 mil palestinos foram deslocados ou expulsos, em um evento conhecido pelos palestinos como Nakba (catástrofe).

Historiadores como Benny Morris, Martin Gilbert e Anita Shapira, mesmo que com variações na interpretação dos eventos relacionados à população palestina, referem-se ao conflito de 1948 como a Guerra de Independência de Israel, destacando o evento como o momento de fundação do Estado israelense e a luta pela sobrevivência contra exércitos árabes. Enquanto historiadores que utilizam o termo Nakba para se referir ao conflito de 1948, enfatizam a perspectiva palestina de expulsão, perda de território e desintegração da sociedade palestina. Dentre eles estão Ilan Pappé, Walid Khalidi, Rashid Khalidi e Avi Shlaim.

Em sua obra *Orientalismo* (2007), Said argumenta que a representação do Oriente, particularmente da Palestina, tem sido construída por narrativas ocidentais que desumanizam os povos árabes e palestinos. Segundo o autor, essa visão distorcida contribuiu e contribui para a marginalização das reivindicações palestinas e para a perpetuação de estereótipos que justificam as políticas de ocupação e controle vigentes no território.

O historiador israelense Ilan Pappé, por sua vez, oferece uma análise crítica do sionismo e suas consequências para os palestinos. Em sua obra “A Limpeza Étnica da Palestina” (2006), Pappé argumenta que a criação do Estado de Israel em 1948 não foi apenas um ato de autodeterminação judaica, mas também um processo de limpeza étnica que resultou na expulsão de centenas de milhares de palestinos de suas terras. Essa expulsão, conforme ele

descreve, foi sistemática e planejada, refletindo uma estratégia sionista de eliminar a presença árabe na região.

A partir de 1967, com a ocupação da Cisjordânia, Gaza e Jerusalém Oriental por Israel, o conflito se intensificou, gerando uma dinâmica de resistência e repressão que perdura até os dias atuais. Pappé (2006) descreve a ocupação como um regime de controle militar que se manifesta em diversas formas de violação dos direitos humanos, incluindo deslocamentos forçados, assentamentos ilegais e restrições à liberdade de movimento. Essa realidade, unida à deslegitimação contínua das aspirações palestinas por parte de muitos setores da sociedade israelense e internacional, torna o caminho para a paz um processo ainda mais complexo e desafiador.

As intifadas ou levantes populares palestinos contra a ocupação israelense, também foram momentos cruciais na história do conflito israelo-palestino. A primeira Intifada, que começou em 1987 e se estendeu até 1993, foi marcada por protestos, greves e desobediência civil dos palestinos, refletindo o descontentamento generalizado com a ocupação e a falta de direitos. Essa mobilização levou à formação de grupos como o Hamas e à internacionalização da questão palestina, culminando nos Acordos de Oslo em 1993, que visavam estabelecer um processo de paz contínuo. De acordo com Pappe (2008) quando estourou a revolta, estava em negociação um acordo mediado pela Jordânia, para que o país pudesse possivelmente administrar territórios ocupados ou representar os interesses palestinos em negociações com Israel. O autor argumenta que essa opção fracassou por duas razões principais: primeiro, pela “falta de generosidade” de Israel, em fazer concessões significativas. Segundo, devido à “ambivalência” do rei Hussein da Jordânia, que foi incapaz de se firmar como um negociador eficaz em nome dos palestinos, especialmente à medida que a Organização para a Libertação da Palestina (OLP)⁵ ganhava legitimidade e reconhecimento tanto no mundo árabe quanto internacionalmente como representante dos interesses palestinos.

A segunda Intifada, iniciada em 2000, foi muito mais violenta, desencadeada por provocações como a visita de Ariel Sharon ao Monte do Templo⁶. Essa fase foi caracterizada

⁵ A Organização para a Libertação da Palestina (OLP) é uma organização política e paramilitar e foi fundada em 1964 em Jerusalém por figuras nacionais palestinas.

⁶ O local é chamado de Nobre Santuário pelos muçulmanos, considerado o terceiro lugar mais sagrado do islamismo, por se referir à jornada de Muhammad de Meca a Jerusalém e sua ascensão ao paraíso e de Monte do Templo pelos judeus. Tanto o Islã como o Judaísmo consideram o local como o centro do mundo e apontam uma grande rocha do Monte Moriah como a Pedra Fundamental, que hoje está dentro do Domo da Rocha e apenas muçulmanos podem entrar.

por confrontos armados, atentados suicidas e uma resposta militar intensa por parte de Israel, resultando em um alto número de vítimas e no endurecimento das políticas de ocupação.

Essa humilhação, agravada pela provocadora visita de Ariel Sharon em setembro de 2000 ao Haram al Sharif, a Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém, foi o desencadeante da segunda intifada. Como a primeira, essa inicialmente foi um protesto popular não militarizado. Mas a erupção de violência letal com a qual Israel decidiu responder fez com que ela escalasse até se tornar um confronto armado, uma mini-guerra enormemente desigual que ainda continua causando estragos (Pappe, 2008, p. 319).

O levante começou como uma forma de protesto popular, semelhante à primeira intifada, com civis palestinos expressando sua indignação e resistência à contínua ocupação israelense. No entanto, a resposta violenta e desproporcional de Israel, utilizando seu poderio militar superior, transformou o movimento em um confronto armado, intensificando a violência no terreno. Desde a segunda Intifada, o conflito se manifestou em várias crises, incluindo a guerra em Gaza em 2008-2009, 2012 e 2014, além de escaladas de violência contínuas. Said (2012) argumenta que os assentamentos israelenses na Cisjordânia e as tensões em Jerusalém Oriental continuam a ser pontos críticos do conflito.

Sahd (2024) oferece uma análise crítica do conflito em Gaza, destacando-o como um regime de apartheid israelense que se entrelaça com práticas genocidas, criando um ambiente de violência sistemática e opressão. Segundo Sahd (2024, p. 142), “a des-historicização do que está acontecendo ajuda Israel a perseguir sua política genocida em Gaza”.

O conflito permanece sem solução, com a divisão entre a Autoridade Palestina e o Hamas nos territórios palestinos, a crescente violência nas áreas ocupadas e o aumento dos assentamentos israelenses. O enfrentamento de 2023 em Gaza entre o Hamas e Israel, representa mais um capítulo trágico em uma longa história de violência e resistência que remonta há décadas. Este episódio recente não é um evento isolado, mas sim a continuidade de um ciclo de confrontos, como as intifadas anteriores, que refletem as profundas raízes do conflito israelo-palestino.

Edward Said (2012), no entanto, critica a visão simplista e reducionista que muitas pessoas no Ocidente têm sobre o Oriente Médio, onde a complexidade da região é frequentemente reduzida ao conflito árabe-israelense. O autor argumenta que, para muitos, o Oriente Médio é percebido apenas através das lentes desse conflito específico, ignorando a rica diversidade cultural, histórica e política da região. Said (2012) destaca como os meios de

comunicação e a limitada compreensão política do público contribuem para essa visão estreita.

3 METODOLOGIA

A pesquisa estruturou-se em um trabalho de cunho exploratório, caracterizando-se como uma pesquisa de cunho qualitativo. Optamos por uma metodologia qualitativa para analisar as mídias sociais de ativistas que documentaram a catástrofe humanitária de 2023 em Gaza pela necessidade de compreender as narrativas e experiências individuais que emergem das postagens, bem como a forma como elas ressoam com o público. Utilizando a análise de conteúdo, o estudo categoriza as postagens em temas significativos, como testemunhos pessoais, imagens de destruição e apelos por ajuda.

Além disso, a análise das interações dos usuários permite uma compreensão do impacto emocional e da mobilização gerada por essas narrativas nas redes sociais. Essa abordagem busca não apenas descrever o conteúdo, mas também interpretar suas implicações sociais e políticas, contribuindo para um entendimento mais profundo do papel das mídias sociais na educação e mobilização em direitos humanos.

A análise de conteúdo, conforme discutido por Laurence Bardin (2011), se constitui como uma técnica essencial para a investigação qualitativa, permitindo a interpretação sistemática de comunicações sociais. Bardin (2011) enfatiza que essa abordagem possibilita não apenas a descrição do conteúdo, mas também a identificação de significados subjacentes, transformando informações brutas em dados interpretáveis. Dessa forma, no contexto das mídias sociais de ativistas que documentaram a guerra de 2023 em Gaza, a análise de conteúdo se revela uma ferramenta valiosa para desvendar as dinâmicas sociais e compreender como essas narrativas impactam o público e promovem engajamento social, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada das experiências compartilhadas nas mídias sociais.

3.1 Identificação e descrição dos perfis escolhidos para análise

Na seleção dos perfis a serem analisados foram estabelecidos critérios que visam garantir a relevância e a representatividade das vozes que documentam o conflito de 2023 em Gaza. Primeiramente, priorizou-se a escolha de ativistas que demonstraram um compromisso

consistente em relatar eventos em tempo real, utilizando plataformas de mídias sociais, especialmente o Instagram. Em segundo lugar, foram considerados perfis com um número significativo de seguidores e engajamento, o que indica a capacidade de influenciar e mobilizar um público mais amplo. Além disso, buscou-se diversidade nas experiências narradas, selecionando indivíduos de diferentes origens e perspectivas, visando capturar uma variedade de relatos sobre a situação.

Um dos mais proeminentes ativistas de Gaza é o fotojornalista Motaz Azaiza, escolhido para esta análise devido à sua presença ativa nas mídias sociais. Seu engajamento com a comunidade é evidente através do alto número de interações em suas publicações, que frequentemente provocam diálogos e reflexões entre seus seguidores. Azaiza nasceu e cresceu no campo de refugiados *Deir al-Balah*, na Faixa de Gaza e tem 25 anos. Em 23 de janeiro de 2024 o fotojornalista anunciou em sua rede social que passaria a ser refugiado em Doha, no Catar, devido a ameaças contra a sua vida em Gaza. A inclusão de seu perfil na análise permite explorar como as mídias sociais podem ser utilizadas como ferramentas de testemunho e mobilização durante o conflito.

Outro perfil escolhido para esta análise, é o de Muna El-Kurd, devido à sua atuação significativa nas mídias sociais, onde compartilha relatos impactantes sobre a realidade da ocupação e dos conflitos em Gaza. Com um estilo autêntico e engajador, El-Kurd utiliza sua plataforma para documentar experiências pessoais e coletivas, abordando temas como resistência, identidade e os desafios enfrentados pelos palestinos. Suas postagens se diferenciam das de Motaz, ao incluir vídeos, fotos e reflexões, e não apenas capturar a devastação física da guerra.

Por fim, Bayan Abusultan foi incluída nesta análise, devido ao seu enfoque humanitário, documentando não apenas os efeitos diretos do conflito, mas também as histórias de vida e a resiliência das pessoas afetadas. Suas postagens incluem imagens impactantes do cotidiano das pessoas em meio aos escombros do conflito e narrativas pessoais que ilustram a luta diária dos palestinos em meio à adversidade, criando uma conexão emocional com seus seguidores. Ao analisar o perfil de Bayan Abusultan, busca-se explorar como suas contribuições nas mídias sociais promovem a conscientização e a solidariedade global.

Com a metodologia definida e os ativistas selecionados, a seguir, serão apresentados os principais achados, com uma análise crítica das narrativas, temas e impactos das postagens dos ativistas. Essa exploração busca não apenas revelar a complexidade das

experiências compartilhadas, mas também compreender como essas narrativas contribuem para a mobilização e a conscientização sobre os direitos humanos no contexto do conflito.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O conceito de midiativismo, conforme definido por Braighi e Câmara (2018), envolve o uso de mídias digitais como ferramentas para a ação direta e a transgressão social, com o objetivo de promover mudanças em contextos de injustiça. De acordo com os autores, o midiativismo não se limita à simples transmissão de eventos, mas implica na participação ativa na construção e na divulgação de uma narrativa alternativa às versões hegemônicas dos meios de comunicação tradicionais.

No caso dos ativistas em Gaza, essa abordagem é evidente quando suas postagens nas redes sociais desafiam as narrativas dominantes e frequentemente silenciadas pela grande mídia, incluindo as próprias redes sociais as quais eles utilizam. A atuação desses midiativistas transcende a simples disseminação de informações; eles criam narrativas que não só resistem à opressão, mas também mobilizam a comunidade internacional em prol dos direitos humanos. Assim, o midiativismo se revela como uma forma poderosa de resistência e de construção de solidariedade global, alinhando-se ao conceito discutido por Braighi e Câmara (2018).

Desse modo, ao analisar as redes sociais dos ativistas atuantes em Gaza, é fundamental reconhecer como esses indivíduos exemplificam o midiativismo em sua forma mais impactante, ao utilizar as plataformas digitais para compartilhar suas vivências, denunciar as atrocidades cometidas e mobilizar audiências globais com as imagens do conflito. Partindo disso, a seguir, serão apresentados os perfis desses midiativistas, explorando como cada um deles contribui para a construção de uma narrativa alternativa que ressoa internacionalmente e busca transformar o status quo ao evidenciar as violações de direitos humanos no território palestino. Focamos a nossa análise em três perfis, com características distintas, a fim de diversificar o nosso trabalho, além de abordar diferentes perspectivas sobre o conflito em Gaza.

4.1 Motaz Azaiza

Motaz Azaiza é um ativista e jornalista palestino amplamente reconhecido por seu trabalho nas mídias sociais, especialmente no Instagram, onde acumula mais de 17 milhões de

seguidores. Durante o tempo em que cobriu a tragédia humanitária em Gaza, provocada por Israel, Motaz fotografou como freelance para a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNRWA), agência da ONU para refugiados. Azaiza utiliza as redes sociais para educar e mobilizar seus seguidores em busca de apoio internacional para a causa palestina e chamar a atenção para as violações de direitos humanos em Gaza através da documentação visual e narração dos efeitos do conflito na vida das pessoas, focando tanto nas histórias individuais quanto nas consequências mais amplas do conflito.

Figura 01: Print do perfil de Motaz Azaiza no Instagram



Fonte: Reprodução/ Instagram⁷

Através de suas postagens, Azaiza compartilha imagens, vídeos e relatos pessoais que oferecem uma visão direta e crua do cotidiano em Gaza. Seu trabalho é caracterizado pela autenticidade e pelo comprometimento em mostrar ao mundo as realidades que muitas vezes são ignoradas ou mal representadas pela grande mídia. Ainda em 2023, o fotojornalista foi escolhido pela revista masculina GQ do Oriente Médio como o Homem do Ano, título que

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/motaz_azaiza/>. Acesso em: 21 de set de 2024.

lidera uma lista anual de personalidades. Em 2023 também, em 31 de outubro, uma de suas fotos feitas em Gaza – uma garota presa nos escombros de sua casa – foi publicada pela revista americana TIME como uma das 100 melhores imagens daquele ano.

Figura 02: Jovem presa sob os escombros de sua casa

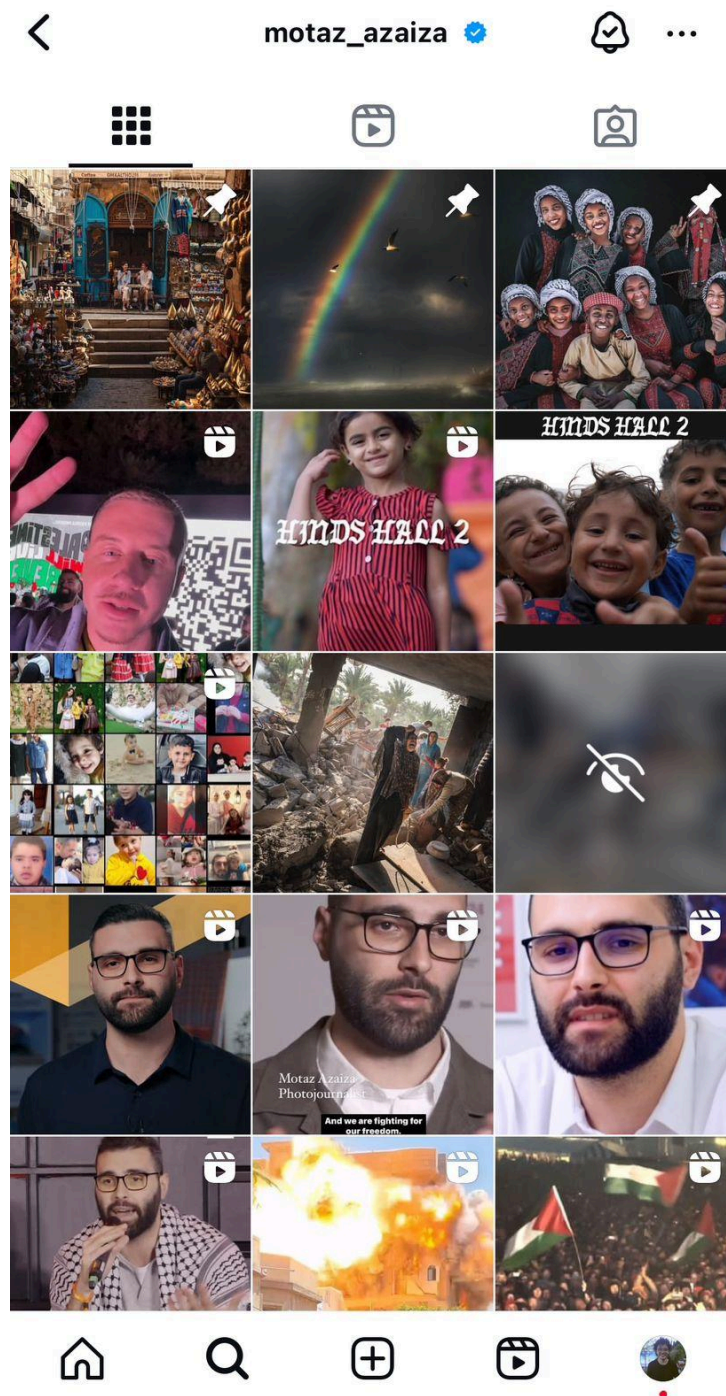


Fonte: Reprodução/ Instagram - @motaz_azaiza (31/10/2023)⁸

O perfil de Motaz além de enfatizar o impacto severo das hostilidades na infraestrutura e na vida das pessoas em Gaza, também dispõe de vídeos nos quais o fotojornalista aparece com relatos e narrações diretas sobre o que está acontecendo em Gaza, humanizando o conflito e oferecendo uma perspectiva pessoal e interna sobre os eventos. As imagens de Azaiza, como veremos na figura a seguir, incluem tanto fotografias de pessoas sorrindo e se relacionando em comunidade, quanto de destruição e devastação, destacando o contraste entre a vida comum e as consequências da guerra no dia a dia da população.

Figura 03: Recorte do perfil de Motaz Azaiza

⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CzEpuZ1M8mU/>>. Acesso em: 21 de set de 2024.



Reprodução/ Instagram - @motaz_azaiza⁹

A crescente violência no conflito entre Israel e o Hamas no Território Palestino Ocupado, tem resultado também em um impacto devastador sobre a liberdade de imprensa e a segurança dos jornalistas na região. Segundo dados do Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ), uma organização independente e sem fins lucrativos que tem como objetivo promover

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/motaz_azaiza/>. Acesso em: 23 de set de 2024.

a liberdade de imprensa em todo o mundo, desde 07 de outubro de 2023 aproximadamente 99 jornalistas foram mortos em Israel e no Território Palestino Ocupado¹⁰. Em 23 de janeiro de 2024, Motaz Azaiza em uma publicação no Instagram anunciou sua saída de Gaza, e decidiu se refugiar no Catar.

4.2 Muna El-Kurd

Muna El-Kurd é uma ativista palestina e jornalista natural de Sheikh Jarrah, bairro de Jerusalém Oriental. Ela e seu irmão gêmeo, Mohammed El-Kurd, ganharam notoriedade ao documentar a luta dos palestinos contra as tentativas de desapropriação de suas casas no bairro de Sheikh Jarrah, em Jerusalém, pelos colonos israelenses¹¹. Em 2011 na época com 12 anos, os irmãos participaram de um documentário gravado pelo jornal The Guardian, intitulado “*East Jerusalem: Sharing our house with Israeli settlers in Sheikh Jarrah*”¹², em que narram as experiências de dividirem a própria casa com colonos israelenses antes de serem expulsos e ordenados pela justiça a entregar a casa para os judeus em 2021.

Foi a partir dessa decisão da corte de magistrados em 2021 que os irmãos começaram uma campanha no Instagram usando a hashtag “SaveSheikhJarrah” com o objetivo de conscientizar a comunidade internacional sobre os deslocamentos forçados no território da Cisjordânia. Neste mesmo ano, os irmãos Muna e Mohammed foram nomeados pela revista TIME entre os 100 “Ícones do Ano”.

Muna utiliza o Instagram para compartilhar vídeos, imagens e textos que mostram a realidade cotidiana dos palestinos sob ocupação israelense. Ela destaca as violações de direitos humanos e as injustiças que os palestinos enfrentam, buscando sensibilizar a comunidade internacional e angariar apoio global para a causa palestina.

¹⁰ Disponível em: <<https://11nq.com/P66nE>>. Acesso em 23 de set de 2024.

¹¹ Para saber mais:

<https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2021/11/16/sheikh-jarrah-o-bairro-de-jerusalem-que-ganhou-projecao-internacional-nas-discussoes-sobre-palestina-e-israel/>

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ksnLom8OD9E&t=5s>>. Acesso em 25 de set de 2024.

Figura 4: Print do perfil da ativista palestina Muna El Kurd



Fonte: Reprodução/ Instagram @muna.elkurd15¹³

Se tratando especificamente de Gaza, a partir das suas redes sociais ela também procura amplificar as vozes daqueles que estão sendo diretamente afetados pelo conflito e pela ocupação, usando suas plataformas para compartilhar testemunhos, reportagens e apelos de solidariedade. Suas postagens visam tanto educar quanto mobilizar seus seguidores, incentivando o ativismo digital e a conscientização sobre os direitos dos palestinos.

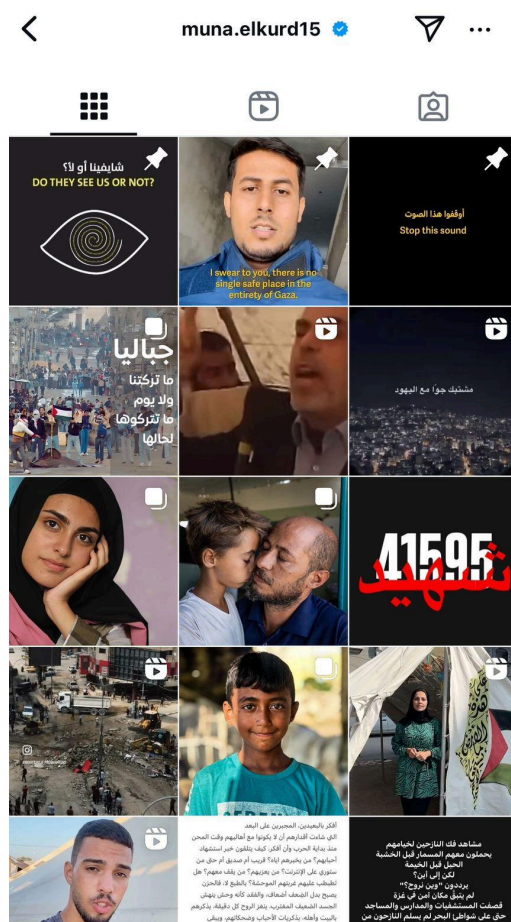
Com base na análise do perfil de Muna El Kurd no Instagram, fica claro que seu ativismo está profundamente enraizado na luta pela causa palestina, especialmente em relação

¹³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/muna.elkurd15/>>. Acesso em 25 de set de 2024.

à situação dos palestinos em Gaza e na Cisjordânia. Por meio de um tom emocional e visual, as postagens compartilhadas pela jornalista em sua rede variam entre vídeos e fotos que destacam temas como a resistência palestina, a opressão sofrida pelos cidadãos através de histórias de resistência e opressão, com foco em temas como a ocupação, a prisão de palestinos e a violência militar.

Ela destaca as condições de vida de crianças, famílias afetadas pela guerra, e busca engajar seguidores globalmente, mobilizando-os pela causa palestina. além de alternar entre imagens e vídeos que mostram protestos, destruição causada por ataques, depoimentos de pessoas afetadas, e eventos em apoio à Palestina, buscando sempre transmitir uma mensagem de esperança e resiliência. Percebe-se ainda nas postagens uma clara intenção de humanizar as vítimas do conflito, especialmente crianças, além de enfatizar a solidariedade para com os que vivem sob ocupação.

Figura 5: Recorte do perfil da ativista palestina Muna El Kurd



Fonte: Reprodução/Instagram - @muna.elkurd15¹⁴

¹⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/muna.elkurd15/>>. Acesso em 25 de set de 2024.

Na imagem abaixo, retirada do perfil de Muna El-Kurd, vemos uma cena de resistência coletiva palestina em Jabalia, cidade localizada no norte da Faixa de Gaza, e historicamente associada à resistência contra a ocupação israelense. A imagem mostra uma multidão em protesto, com pessoas segurando bandeiras e posicionando-se de forma desafiadora, ressaltando a perseverança da população de Gaza diante de décadas de conflito.

Figura 6: Recorte do perfil da ativista palestina Muna El Kurd



Fonte: Reprodução/ Instagram - @muna.elkurd15¹⁵

A postagem expressa um apelo emocional, reforçando a importância de não abandonar Jabalia em sua luta e resiliência contínua. O texto em árabe reforça essa ideia, como vemos a seguir:

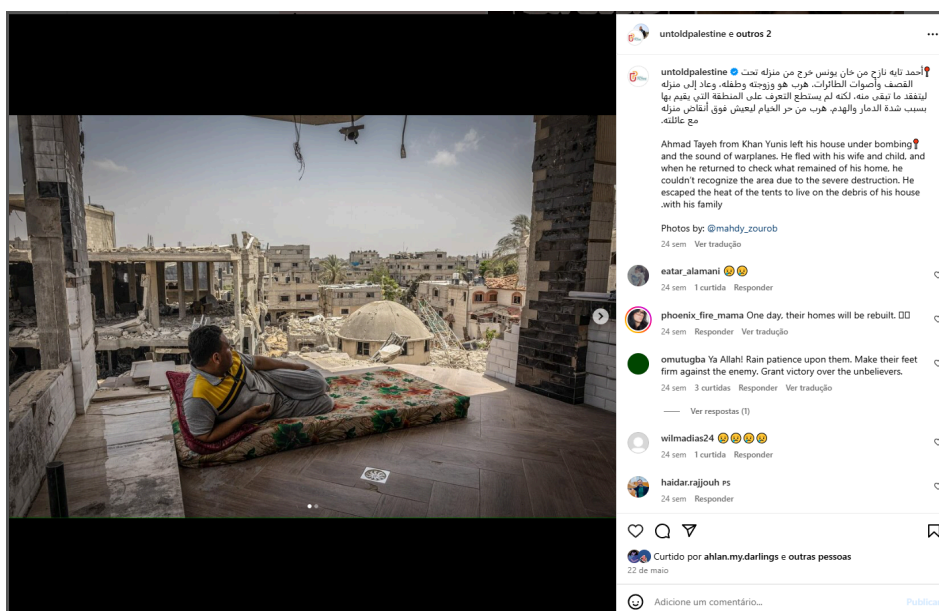
Jabalia e o seu acampamento sempre foram um símbolo da nossa luta palestina e inspiraram-nos com a sua resiliência. A partir daí, acendeu-se a faísca da primeira intifada. Jabalia, com os seus bairros, o seu povo e o seu acampamento, nunca hesitou em levantar-se e defender o nosso povo, e hoje enfrenta os mais duros ataques da ocupação. Não a deixe sozinha, vamos nos movimentar e nos revoltar por Jabalia (El Kurd, 2024, s/p).

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DBTjwnVAnit/?img_index=1>. Acesso em 27 de set de 2024.

Nessa perspectiva, essa postagem se alinha ao ativismo de Muna, que utiliza suas redes para destacar e amplificar narrativas de resistência e de solidariedade com os palestinos em Gaza, chamando a atenção para as lutas cotidianas enfrentadas por essa comunidade.

Outra imagem, que evidencia o papel dos ativistas de Gaza na luta por direitos humanos, aqui sobretudo, no perfil de Muna, postada em parceria com o perfil “untoldpalestine” no Instagram, retrata a experiência de Ahmad Tayeh de Khan Yunis, que foi forçado a abandonar sua casa com sua família devido a bombardeios e sons de aviões de guerra. Na foto abaixo, ele está deitado em um colchão, olhando para as ruínas de sua casa destruída.

Figura 7: Recorte 2 do perfil da ativista palestina Muna El Kurd



Fonte: Reprodução/ Instagram - @muna.elkurd15¹⁶

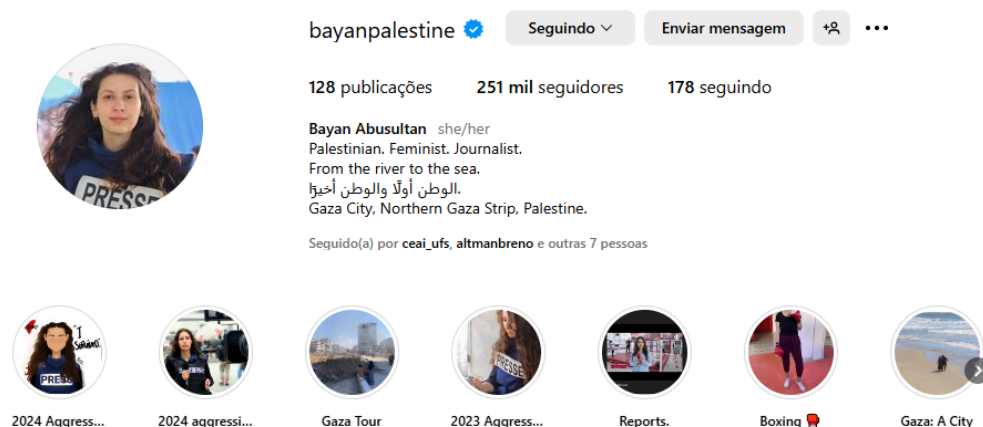
A descrição da postagem ressalta a destruição intensa e a dificuldade de Tayeh em reconhecer o local onde viveu. Ele fugiu com a esposa e o filho, e quando voltou para verificar o que restava de sua casa, não conseguiu reconhecer a área devido à destruição severa. Incapaz de retornar, ele agora reside em uma tenda improvisada sobre os escombros, simbolizando resiliência em meio à devastação.

¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7R57fSs4fx/?img_index=1>. Acesso em 30 de set de 2024

4.3 Bayan Abusultan

Bayan Abusultan é uma jornalista palestina, moradora da cidade de Gaza, localizada no norte do território de Gaza, ao lado de Jabalia. A jornalista tem usado o seu instagram como um portal de divulgação e apelo ao que acontece em Gaza desde o início em 2023. As suas postagens incluem conteúdo sobre direitos humanos, histórias de pessoas afetadas pelo conflito, além de atualizações sobre a vida cotidiana em Gaza sob ocupação e bloqueio. Na rede, ela acumula mais de 250 mil seguidores.

Figura 8: Perfil da ativista palestina Bayan Abusultan



Fonte: Reprodução/ Instagram @bayanpalestine¹⁷

Durante o mês de março de 2024 Bayan ficou cerca de 10 dias desaparecida, causando rumores nas redes sociais sobre a sua possível morte. Ao anunciar que estava segura, a jornalista disse que tinha acabado de enterrar seu irmão no quintal de casa, após um bombardeio israelense. De 07 de outubro até março de 2024, a organização internacional Women Press Freedom documentou os assassinatos de 19 jornalistas mulheres¹⁸. Dessas mortes trágicas, 15 foram resultado direto de ataques aéreos israelenses em Gaza.

O conteúdo no perfil de Bayan inclui registros visuais das destruições e da resiliência das pessoas em meio às ruínas, além de ilustrações que ressaltam temas de

¹⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/bayanpalestine/>>. Acesso em: 07 de out de 2024.

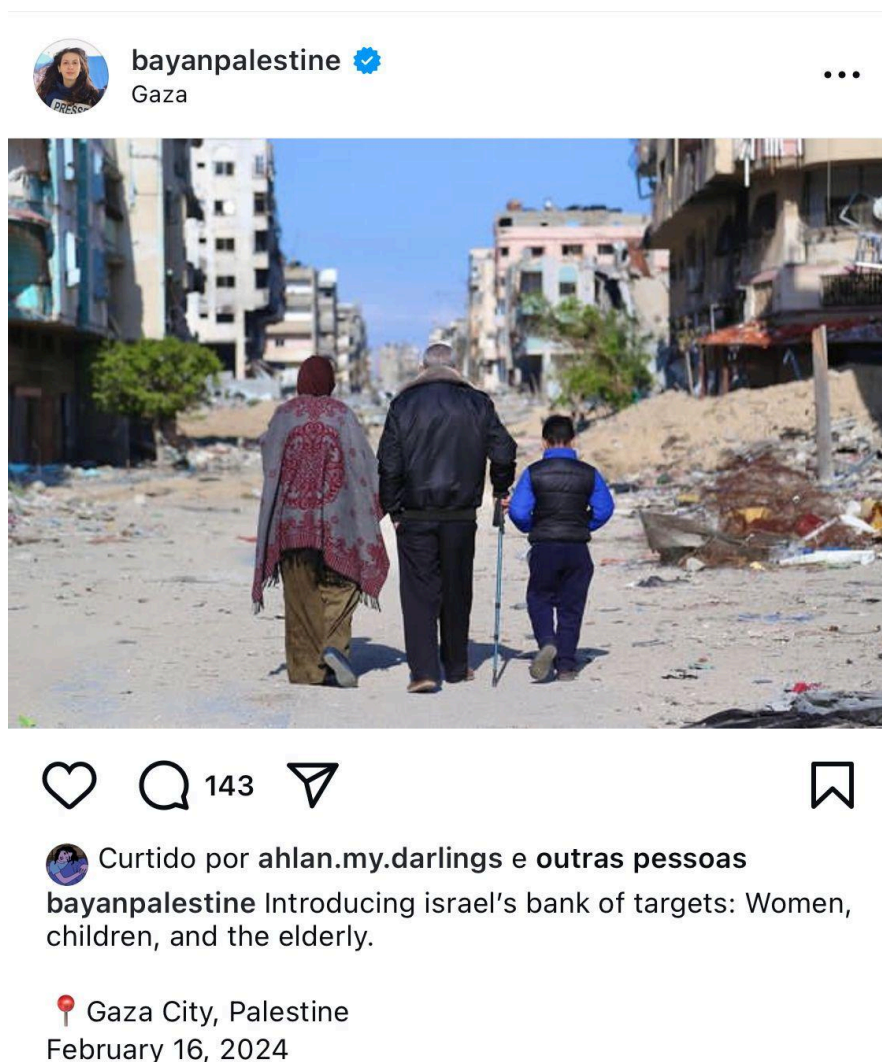
¹⁸ Disponível em:

<<https://www.womeninjournalism.org/threats-all/israel/palestine-threats-and-attacks-against-women-journalists-covering-the-conflict/>>. Acesso em 04 de nov de 2024.

resistência e sobrevivência. Bayan se destaca por seu ativismo, especialmente por promover conscientização global sobre a situação, usando seu espaço para enfatizar a importância da dignidade e esperança do povo palestino.

A imagem abaixo postada no perfil de Bayan Abusultan no Instagram exibe uma cena comovente nas ruas destruídas de Gaza, onde uma mulher idosa, um homem com bengala e uma criança caminham entre os escombros.

Figura 9: Recorte do perfil da ativista palestina Bayan Abusultan



Fonte: Reprodução/ Instagram @bayanpalestine¹⁹

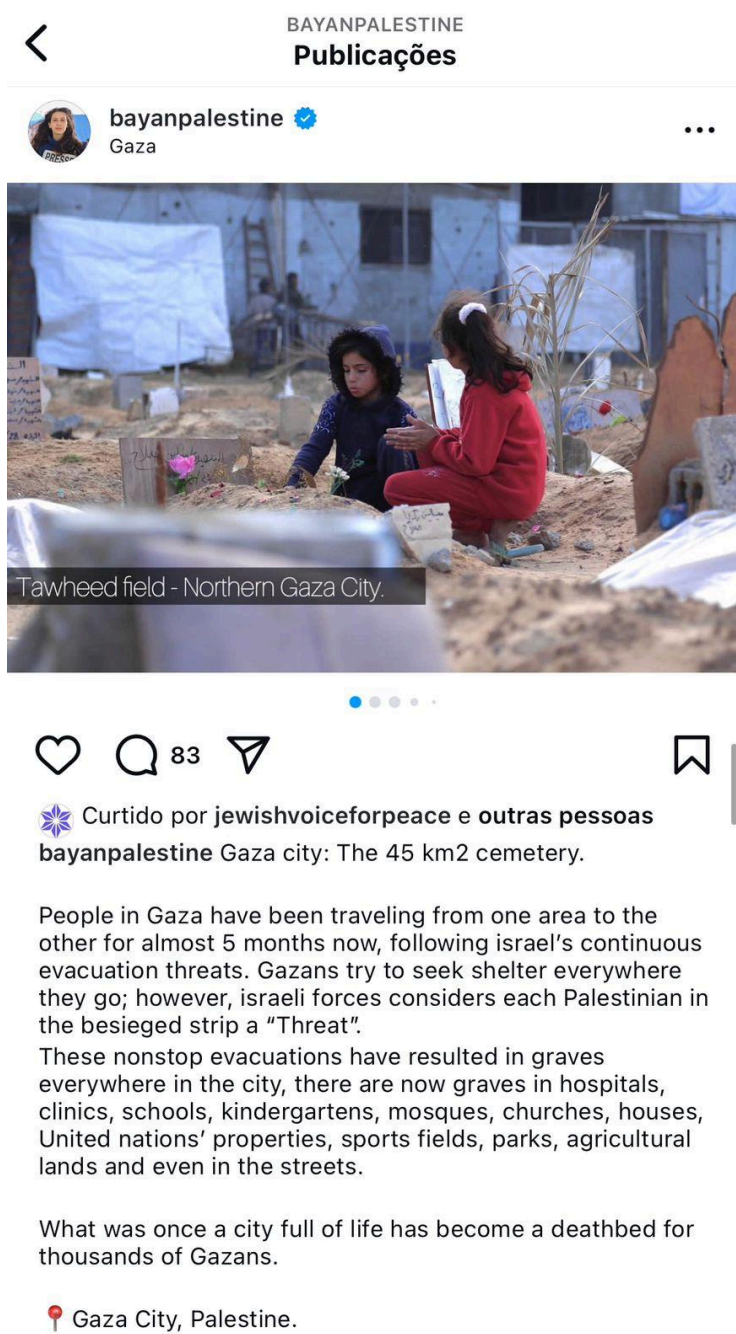
A legenda presente na postagem crítica faz alusão à vulnerabilidade de civis – especialmente mulheres, crianças e idosos – em meio aos conflitos, descrevendo-os como o

¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3bJDKco3_D/>. Acesso em: 04 de nov de 2024.

“banco de alvos” de Israel. A fotografia e a legenda reforçam o ativismo da jornalista, denunciando o impacto da violência sobre as populações palestinas mais indefesas e destacando a devastação enfrentada pelos civis em Gaza.

Outra imagem de destaque publicada por Bayan Abusultan, ela destaca a devastação em Gaza, descrevendo a cidade como um “cemitério de 45 km²”. A fotografia retrata duas crianças sentadas entre túmulos improvisados, evidenciando a contínua perda de vidas e a dor causada pela guerra.

Figura 10: Recorte 2 do perfil da ativista palestina Bayan Abusultan



Fonte: Reprodução/ Instagram @bayanpalestine²⁰

Na legenda, Bayan enfatiza os deslocamentos forçados e a violência diária que os moradores enfrentam, levando a enterros em locais como hospitais, escolas e até ruas. O texto sugere que Gaza, antes uma cidade cheia de vida, agora se transformou em um local de morte e sofrimento generalizado. Em várias postagens, Bayan aparece em meio aos escombros, retratando tanto a devastação estrutural quanto a perda emocional da população

²⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4Ab_s5AYXS/?img_index=1>. Acesso em: 04 de nov de 2024.

civil de Gaza. Além disso, cada imagem é acompanhada por legendas que reforçam a luta diária dos palestinos e denunciam a contínua crise humanitária, convidando os seguidores a compreenderem a realidade por trás do conflito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, fica evidente a importância da análise das mídias sociais na documentação e disseminação de informações em situações de conflito, como o de Gaza em 2023, por aumentar a conscientização sobre violações de direitos humanos, e influenciar a opinião pública e ações políticas. Por mais que as redes sociais sejam espaços de disputas, as plataformas digitais permitiram que vozes palestinas, muitas vezes silenciadas em outras mídias, fossem amplificadas, trazendo visibilidade global ao sofrimento da população local.

Observamos como ativistas como Motaz Aziza, Muna El Kurd e Bayan Abusultan usam essas redes para expor a realidade em Gaza, por meio de imagens impactantes e narrativas que sensibilizam e mobilizam sobre a educação em direitos humanos. Ficou explícito ainda, que esse tipo de ativismo digital não só sensibiliza, mas também pressiona instituições e líderes globais a responderem às crises humanitárias.

Por fim, a pesquisa reforça o potencial transformador das redes sociais, mas também aponta para os desafios inerentes a essas plataformas, como a disseminação de fake news. Nesse contexto, a educação em direitos humanos surge como um contraponto fundamental, equipando os indivíduos para navegar nesse ambiente complexo e construir narrativas justas e construtivas. As redes sociais se configuram como um campo de estudo fundamental para compreender a relação entre tecnologia e justiça social, abrindo novas perspectivas para a pesquisa e a ação política.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTI, Benedetta. **Organizações Políticas Armadas: Do Conflito à Integração**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2013.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. **O que é Midiativismo?** Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). *Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática*. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 25-42.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

DELACROIX, Christian. **A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?** Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018. Título Original: *L'histoire du temps présent, une histoire (vraiment) comme les autres?*

GORCZEWSKI, Cláudia; TAUCHEN, Gisele Maria Bortolini. **Educação em Direitos Humanos: para uma Cultura da Paz**. Educação, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 66-74, jan./abr. 2008.

MILTON-EDWARDS, Beverly; FARRELL, Stephen. **Hamas: O Movimento de Resistência Islâmica**. Cambridge: Polity Press, 2010.

PAPPÉ, Ilan. **La limpieza étnica de Palestina**. Barcelona. Editora: Crítica Barcelona, 2008.

ROY, Sara. **Hamas and Civil Society in Gaza: Engaging the Islamist Social Sector**. Princeton: Princeton University Press, 2011.

SANTOS V. , , SANTOS J. E. **AS REDES SOCIAIS DIGITAIS E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE E EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEAS**. HOLOS [Internet]. 2014;6 (307-328). Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481547175023>

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**, Companhia de Bolso. 2004.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward W. **A questão da Palestina** / Tradução de Sonia Midori. — São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

SAHD, Fábio Bacila. **Faixa de Gaza, 2023: o Genocídio dentro do Apartheid**. Tensões Mundiais, Fortaleza, v. 20, n. 42, p. 139-184, 2024.